



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Eixo Temático 25 - MULHERES E MATERNIDADES

GRAVIDEZ E MATERNIDADE NO ENSINO SUPERIOR: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Juliana Souza de Freitas ¹

Ivan Faria ²

RESUMO

O presente trabalho aborda as experiências de gravidez e maternidade entre estudantes do curso de Pedagogia da UEFS e suas implicações para a vida pessoal e acadêmica. As principais referências teóricas deste estão embasadas em Paim (1998), Urpia e Sampaio, (2009, 2011) e Justo (2020). A metodologia é de natureza qualitativa e envolveu entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes. Os principais resultados indicam o baixo rendimento acadêmico durante a gestação devido a problemas de saúde, dificuldade em aceitar a gestação e impactos financeiros após o nascimento de seus filhos. Tecendo as considerações finais é evidenciado a necessidade do desenvolvimento de políticas específicas para o suporte a gestantes e garantia no acesso à creche.

Palavras-chave: Gravidez, Maternidade, Ensino superior, Gênero.

¹ Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, julisouza2002@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Educação, Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, ivanfaria@uefs.br



INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca integrar os resultados de dois projetos de pesquisa “Ser mãe e ser estudante: estratégias e redes de apoio de discentes do curso de Pedagogia da UEFS para a permanência na universidade” e “Gravidez e maternidade: experiência, expectativas e desafios da gravidez e o tornar-se mãe durante a graduação”³ que visavam apresentar as vivências da gravidez e maternidade de estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana⁴.

A gravidez e a maternidade são temas antropológicamente relevantes, uma vez que além dos fatos biológicos, abrangem dimensões que são construídas de forma cultural, social, histórica e afetivamente (Paim, 1998). Entre essas dimensões há a conciliação com dupla/triplas jornadas na vida dessas mulheres, a conciliação estudo/maternidade ou estudo/maternidade/trabalho.

Partindo do pressuposto de que a gravidez é um período repleto de emoções, expectativas e projeções, marcado por mudanças corporais e, muitas vezes, por transformações nas relações familiares, afetivas, profissionais e acadêmicas, Urpia e Sampaio (2009) observam que a gravidez é um momento de “interrogação” na vida de qualquer mulher, independentemente de sua condição financeira.

As experiências da gravidez e de tornar-se mãe durante o período da graduação ainda requerem uma maior compreensão dos impactos sociais e subjetivos para o processo de afiliação e adaptação ao ensino superior. Nesse sentido, o apoio já no período da gestação é crucial para a continuidade nos estudos, seja ele material ou de forma emocional e afetivo, como enfatizam Urpia e Sampaio (2009; 2011). Muitas vezes, as famílias, apesar da surpresa e das dificuldades em acolher a gravidez, buscam formas de apoiar a jovem em seu momento de crise (Urpia; Sampaio, 2009).

Justo (2000) destaca que o acolhimento às estudantes universitárias grávidas ou mães possibilitam reconquistar a estabilidade necessária para amadurecer para a

³ Desenvolvida no período de 2022-2023; 2023-2024, ambos financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB.

⁴ Na perspectiva deste trabalho o recorte se dá às mulheres cisgênero com útero, compreendendo que outros corpos também maternam.



construção da maternidade e conciliar essa nova fase da vida com as demandas acadêmicas. Essa experiência também traz a necessidade de ajustes nas esferas social (mudança de papéis e identidade) e subjetiva (mudanças físicas e psicológicas, projeções acerca da maternidade), podendo gerar transformações positivas, mas também desafios significativos.

Durante a experiência de conjugação entre a experiência de gestação e a vida universitária, segundo Urpia e Sampaio (2009) as estudantes deparam-se com as demandas paralelas à aprendizagem dos “ofícios” de serem mães e serem estudantes. A maternidade é cercada de idealizações e expectativas sobre o papel do “ser mãe”, assentadas em características como docilidade, afetuosidade (no sentido da palavra no senso comum) e passividade, permeando as inúmeras dificuldades vivenciadas. As experiências da gravidez e da maternidade são subjetivas e singulares, mas ao mesmo tempo possuem condições e marcadores sociais que podem aproximá-las.

A opção por pesquisar a licenciatura em Pedagogia se deu pelo fato do curso possuir um público majoritariamente feminino, no qual as questões de gênero e do maternar estão presentes constantemente. Mesmo com esse perfil de alunado, as dificuldades relatadas por estudantes mães constantemente apontam a falta de acolhimento institucional e docente.

Diante de uma temática tão invisibilizada é necessário problematizar quais os motivos que impulsionam tal condição. Como a forma que esses corpos são vistos socialmente afetam a experiência da maternidade e os impactos na vida das mulheres?

Assim, a pesquisa objetivou discutir como as experiências de gravidez e maternidade são vivenciadas por estudantes de Pedagogia. Além disso, busca analisar quais os impactos oriundos da gestação e do ser mãe no desempenho acadêmico das estudantes e identificar as principais dificuldades encontradas pelas estudantes para a permanência na universidade.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esta pesquisa é de natureza qualitativa narrativa. Minayo (2001) destaca a amplitude de significados que possibilita ao aprofundamento



nos dados, não se visa uma quantidade, mas o aprofundamento que pode ser dado nas pesquisas dessa natureza, “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p. 21-22).

As participantes da pesquisa foram cinco estudantes mães do curso de Pedagogia da UEFS. A forma de contatá-las foi por meio de busca ativa junto a discentes do curso identificadas como mães ou gestantes ou por indicação destas de outras pessoas que conheciam estudantes com este perfil. Como forma de obtenção de dados foram realizadas entrevistas narrativas com questões norteadoras e outras que emergiram no desenvolvimento da interação. A pesquisa narrativa para Clandinin e Connelly (2015), compreende e interpreta as dimensões pessoais e humanas de forma ampla, aprofundado para além de modelos rígidos, limitados e mensuráveis.

Quatro das entrevistas foram realizadas de forma presencial e uma em formato remoto por meio do Google Meet, sendo que cada entrevista teve duração em média de 40 minutos. Os nomes das participantes e de seus filhos serão preservados, utilizando-se nomes fictícios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as participantes são estudantes de Pedagogia da UEFS, de diferentes semestres/turmas (devido a não regularidade no curso). Na caracterização do perfil, as estudantes apresentam idades que variam entre 23 e 38 anos, enquanto as idades dos seus filhos variam de 4 meses a 2 anos e 3 meses. Das cinco participantes, quatro são mães primíparas⁵, que gestaram após ingresso na universidade, com exceção de Lélia, que vivenciou a maternidade antes do ingresso na universidade e após a entrada.

Os relatos produzidos mostram que todas as participantes vivenciaram a experiência de uma gravidez não planejada. A vivência da maternidade pode ocorrer de uma forma totalmente distinta a depender do contexto psicossocial e econômico em que

⁵ Mulheres que vivenciam a maternidade pela primeira vez.



a mulher está inserida, como no caso da participante Marielle (26 anos), cujos sentimentos quanto à descoberta da gravidez se assemelham aos de algumas outras participantes, mas a experiência da maternidade se deu de forma distinta, pois a mesma não convive diariamente com seu filho no mesmo espaço.

Quando descobri foi um susto. Até ele nascer eu ainda não me sentia mãe. Eu fui descobrir o que é ser mãe depois que ele nasceu e depois que a ficha começou a cair. Acho que a ficha começou a cair uma semana depois mais ou menos. Como eu não moro com meu filho, não tenho tanto essa vivência da maternidade, mas carrego uma culpa por não conseguir estar com ele nesses primeiros anos de vida dele. (Marielle, 26, filho de 2 anos)

O relato de Marielle sobre a “culpa” por não estar perto do filho, adentra a problematização proposta por Urpia e Sampaio (2009) acerca das projeções sociais criadas sob a maternidade, do cuidado exclusivo ao filho, do distanciamento de algumas esferas sociais para a execução desse cuidado, que quando não correspondidas, geram esse sentimento de culpabilização.

Devido a essa sobrecarga dos cuidados maternos e os impactos na vida das mulheres, sobretudo ao se tratar das acadêmicas, essa descoberta da gravidez em algumas mulheres pode gerar uma repulsa, não aceitação daquele período, como relata Conceição (23 anos, filho de 7 meses): “Foi uma coisa conturbada. Eu não aceitava a gravidez porque eu não queria engravidar, porque eu achei que ia atrapalhar, e eu não visava uma criança no meu futuro”.

É nítido que os processos de gestação e maternidade para as mulheres interferem diretamente no desenvolvimento de demais atividades, incluindo o afastamento de outras esferas sociais, não apenas pelos fatores concretos da maternidade (gestar, parir, amamentar, etc.), mas também pelas expectativas e cobranças sociais associadas a esse momento.

Dessa maneira, a formação acadêmica é diretamente impactada, uma vez que as prescrições de gênero relativas ao cuidado recaem diretamente sob as mulheres cis, tornando as demandas acadêmicas de difícil conciliação, influenciando assim no trancamento de disciplinas ou do curso, atrasos no fluxo acadêmico e até mesmo evasão.



Em relação às dificuldades encontradas pelas estudantes para a permanência na universidade, os relatos predominantes são do cansaço físico, tanto pela conciliação da maternidade, estudo e trabalho, quanto pelo deslocamento para a universidade. Ao questionar acerca das suas dificuldades em permanecer na graduação, Elza relatou sobretudo o cansaço físico:

[...] me deslocar até a UEFS porque eu vou a pé com ela -a criança- então ir até a universidade a pé e me deslocar lá dentro, ir de uma aula para a outra, é muito cansativo se deslocar para cima e pra baixo com um bebe no colo de uma aula para a outra e na própria sala de aula, ficar com um bebe a tarde inteira, a manhã inteira, é bem cansativo. (Elza de 30 anos, filha de 1 ano).

Diante do exposto, Silva (2021) destaca que essa necessidade de levar seus filhos consigo para a universidade surge devido à responsabilização quase exclusiva das mães, pois elas “[...] trazem os seus filhos para a universidade, pois as mesmas ficam apenas sob sua exclusiva responsabilidade, restando-lhes apenas levarem seus filhos para as aulas por não terem com quem compartilhar os cuidados de suas crianças” (Silva, 2021, p. 93).

Além do desgaste físico, há o psicológico, que devido à sobrecarga, desestabiliza suas dinâmicas, impactando em uma série de dificuldades, e no bloqueio para estudar, como relata Marielle, que para permanecer na universidade necessitou realizar o movimento de ir para outra cidade e não residir junto ao seu filho, se sentindo negligente por não estar próxima ao filho.

Eu não estou morando com meu filho, então eu fico longe dele durante a semana e quando dá eu vou durante o final de semana, porque às vezes a demanda é muito grande e eu não consigo ir para casa e quando eu chego em casa eu não tenho como fazer atividades porque eu não posso ir para lá e não dá atenção a ele então acho que eu fico apreensiva por não estar com ele, não conseguir tá nesses anos iniciais dele, então às vezes eu fico muito triste, eu não consigo nem estudar às vezes por lembrar que não estou perto dele, que eu tô sendo uma mãe negligente. (Marielle, 26 anos, filho de 2 anos e 3 meses)

Damaceno, Marciano e Menezes (2021, p. 201), destacam que devido às normas impostas socialmente de como “deve se vivenciar a maternidade”, para aquelas que estão em outro contexto do que é construído socialmente em que esperasse uma constante proximidade com a criança e uma dedicação exclusiva para ela, essas mães enfrentam



esses desafios psíquicos, “as normas sociais impostas exercem uma carga incalculável sobre os desejos da sociedade e fazem operar uma série de mecanismos psicológicos que vão desde a culpa ao medo para que esses ideais maternos sejam incorporados pelas mulheres.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, abordar gravidez e maternidade no ensino superior mostra que estas experiências, devem envolver uma reflexão sobre todo o contexto psicossocial que reflete nos impactos e dificuldades para essas mulheres permanecerem no ensino superior, além daquelas que evadem da graduação devido à escassa assistência direcionada para esse público. Isso torna evidente a necessidade de políticas de assistência para dar suporte às jovens mulheres que se tornam mães no percurso da formação superior.

A fragilidade das políticas reforça como as redes de apoio são essenciais, oferecendo tanto ajuda prática quanto suporte emocional, o que contribui para a continuidade dessas alunas na universidade. O apoio institucional, como a oferta de creche, também é fundamental para a permanência, embora o acesso a esse serviço dentro da instituição seja limitado.

As experiências relatadas pelas participantes revelam os desafios que as mães universitárias encontram ao tentar conciliar maternidade e exigências acadêmicas, percebe-se assim que a experiência da gravidez e da maternidade no ensino superior, apresenta desafios complexos que as mulheres enfrentam em um ambiente ainda marcado por estruturas patriarcais e racistas.

Diante da complexidade da experiência da gravidez e maternidade no ensino superior, torna-se evidente que a vivência gestacional das estudantes universitárias transcende questões biológicas, englobando impactos psicossociais e acadêmicos profundos. A gravidez, muitas vezes não planejada, gera desafios que podem culminar em decisões difíceis, como o abandono dos estudos ou a interrupção da gestação.



REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

DAMACENO, S.; MENEZES, R. C.; MARCIANO, P.. As Representações Sociais da Maternidade e o Mito do Amor Materno. **Perspectivas Em Psicologia**, v.25, n.1, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/56484>. Acesso em: 14 abr. 2025.

JUSTO, J.. Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só. **Revista portuguesa de psicossomática**, Porto, Portugal, v. 2, n. 2, 2000, p. 97-147.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (org.). **Doença, sofrimento e perturbação**: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. p. 31-47.

SILVA, J. S.; ALVES, M. B.; CARVALHO, G. B.; TAVARES, R., DE ARRUDA, A. A.; COSTA, C. D. M. A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão-UFMA campus VII Codó. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.7, 2020, p .42538-42550.

SILVA, C. A. Mães e universitárias. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, p. 84-96, 2021.

PRATA, A. K. A. V.; CINTRA, E. M. U.. Apoio e acolhimento à mulher que se torna mãe: uma escuta psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 20, n.1, jan-mar 2017, pp. 34-50

URPIA, A. M. O., SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. (orgs) **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 145-168.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, Cachoeira e São Félix, v. 3, n. 2, p. 30-43, 2009.